

A conceptualização metafórica da morte em discursos midiáticos

Eduardo Santana Moreira ()*

Apresentação

A morte, enquanto fato inevitável da existência humana, constitui uma das experiências mais radicais e universais com as quais o sujeito se depara ao longo da vida. Paradoxalmente, embora todos os indivíduos morram, a morte permanece envolta em incertezas, tabus, lacunas cognitivas e dificuldades na representação discursiva. Esse paradoxo tem motivado, historicamente, a criação de construções simbólicas que possibilitam algum nível de compreensão, distanciamento ou controle sobre o incontrolável. Nesse contexto, a metáfora emerge não apenas como recurso estilístico, mas como estratégia cognitiva fundamental para a conceptualização da morte — um fenômeno abstrato, invisível e ontologicamente denso desde a fundação do mundo.

No âmbito da Linguística Cognitiva, especialmente a partir da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002), comprehende-se que as metáforas não são meros adornos retóricos, mas estruturas mentais que organizam a experiência humana (VEREZA, 2007). Desse modo, a presença de construções linguísticas de natureza metafórica revela-se incontornável no âmbito social, uma vez que as metáforas não apenas integram a arquitetura conceptual da cognição humana, mas também se projetam cotidianamente em nossos modos de pensar e agir configurando-se, por isso, como objeto de investigação sob uma perspectiva cognitiva de caráter sistemático (LIMA, 2012; SIMAN, SAMPAIO, 2021).

Segundo Feltes, Pelosi e Lima (2014), a emergência das metáforas conceptuais não se restringe a uma operação meramente linguística, mas constitui-se como manifestação da faculdade imaginativa enraizada na corporeidade. Tal faculdade revela-se como motivação cognitiva fundamental, visto que as estruturas de sentido mobilizadas pelas metáforas derivam de padrões recorrentes da experiência sensório-motora e interacional. Em termos mais precisos, a produção metafórica encontra seu alicerce na articulação indissociável entre corpo, mente e mundo, de modo que a experiência vivida se erige como matriz originária de esquematizações conceptuais. Essas, ao serem projetadas para domínios de maior abstração,

(*) Doutorando no programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: eduardo.santana3@yahoo.com.br.

por sua vez, instauram redes de significação que estruturam a cognição e revelam a dinâmica pela qual o pensamento humano organiza e interpreta a realidade de forma conceptualmente estruturada.

Sob essa lógica, comprehende-se que a metáfora conceptual é uma construção cognitiva ancorada nas experiências socioculturais vivenciadas pelos seres humanos, tratando-se, portanto, do modo pelo qual os indivíduos constroem o conhecimento na forma de mapeamento entre os domínios de conhecimentos em geral orientados por relações analógicas motivadas por distintos interesses.

Ao tomar a morte como alvo conceptual, observa-se que ela é frequentemente pensada e falada a partir de domínios concretos e corpóreos como a jornada, o sono, a queda, a falência de um sistema, a libertação ou a personificação. Esses domínios-fonte possibilitam o mapeamento de experiências concretas para o domínio abstrato da morte, conferindo-lhe acessibilidade cognitiva e legitimidade cultural.

A metáfora MORRER É PARTIR, por exemplo, ativa o modelo de deslocamento espacial e temporal que sugere que o sujeito ‘foi embora’, ‘partiu’ ou ‘seguiu para outro plano’. Essa metáfora pode ser observada em manchetes como as seguintes: (1) “Enfermeira bolsonarista morre de reinfecção da COVID-19 após recusar vacina¹” e (2) “Morre Preta Gil, aos 50 anos, durante tratamento de câncer nos EUA²”.

Do mesmo modo, a metáfora MORTE É SONO suaviza o impacto emocional da finitude ao evocar o Modelo Cognitivo Idealizado³ (doravante, MCI) do descanso e da suspensão temporária da vida, como se observa nos exemplos a seguir: (3) “Messi presta homenagem a Diogo Jota, morto em acidente: ‘Descanse em paz⁴’” e (4) “Família real revela local de descanso final da rainha Elizabeth II; veja imagem⁵”.

No entanto, metáforas como MORTE É QUEDA ou MORTE É FALHA DE SISTEMA emergem com frequência em contextos tecnológicos e digitais, nos quais a morte é

¹ Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/02/26/interna_nacional,1241233/enfermeira-bolsonarista-morre-de-reinfeccao-da-covid-19-apos-recusar-vacina.shtml

² Disponível em: <<https://www.metropoles.com/columnas/fabia-oliveira/morre-preta-gil-aos-50-anos-durante-tratamento-de-cancer-nos-eua>

³ O termo Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), proposto por Lakoff (1987), refere-se a uma estrutura mental organizada que orienta a forma como os falantes conceptualizam e interpretam a experiência. Os MCIs funcionam como molduras cognitivas cultural e socialmente compartilhadas, que estabelecem expectativas sobre entidades, eventos e relações no mundo. Não se trata de modelos reais ou empíricos, mas de representações idealizadas que permitem compreender e categorizar fenômenos linguísticos.

⁴ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/messi-presta-homenagem-a-diogo-jota-morto-em-acidente-descanse-em-paz/>

⁵ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/familia-real-revela-local-de-descanso-final-da-rainha-elizabeth-ii-veja-imagem/>

conceptualizada a partir de esquemas de colapso ou desligamento, como nos pares de exemplos em: (5) “Windows morreu, construa seus jogos para Linux⁶!” e (6) “Worten - O meu telefone morreu nas mãos de um funcionário⁷”. Esses mapeamentos metafóricos evidenciam não apenas mecanismos cognitivos, mas também valores culturais, afetos sociais e posicionamentos ideológicos inscritos nos usos da linguagem.

Com base nessa fundamentação, este artigo propõe investigar metáforas conceptuais da morte em três gêneros discursivos contemporâneos que operam sob diferentes regimes de produção, circulação e recepção da informação: manchetes jornalísticas, *memes* e postagens na rede social X. Embora distintos em termos de estrutura, função e materialidade, tais gêneros compartilham a característica de serem amplamente acessados, replicados e ressignificados no âmbito da cultura digital.

As manchetes, frequentemente associadas à espetacularização da morte, constroem efeitos de urgência e relevância social, recorrendo a metáforas que dramatizam ou atenuam o acontecimento. Os *memes*, por sua vez, com seu caráter humorístico, crítico e subversivo, mobilizam metáforas verbais e visuais para transformar a morte em objeto de riso, sarcasmo e ironia.

Já a rede social X, marcada pela concisão, instantaneidade e performatividade discursiva, configura-se como um espaço privilegiado para a expressão de experiências subjetivas em torno da morte, experiências essas que se desdobram do luto à irreverência, do pesar ao deboche, constituindo diferentes modos de manifestação afetiva e de negociação simbólica da finitude.

A escolha desses três gêneros justifica-se por seu papel central na circulação contemporânea de sentidos sobre a morte. Enquanto as manchetes atuam no campo do discurso informativo e institucionalizado, os *memes* e as postagens no X situam-se em zonas de fronteira entre o privado e o público, o sério e o jocoso, o sensível e o crítico. Neles, evidenciam-se a tensão entre o caráter íntimo da experiência da morte e sua espetacularização midiática, o que requer atenção não apenas às metáforas verbais, mas também às metáforas multimodais (FORCEVILLE, 2008), especialmente nos *memes*, em que imagens, expressões faciais, disposição espacial e interações entre texto e visualidade ativam processos metafóricos específicos.

⁶

Disponível

em:

<https://www.reddit.com/r/Battlefield/comments/1midc7b/windows_is_dead_build_your_games_for_linux/?tl=pt-br>. Acesso em: 05 ago. 2025.

⁷ Disponível em: <<https://portaldaqueixa.com/brands/worten/complaints/worten-o-meu-telefone-morreu-nas-maos-de-um-funcionario-45259420>>. Acesso em: 05 ago. 2025.

Parte-se, aqui, do princípio de que as metáforas conceptuais da morte não são neutras, mas atravessadas por orientações culturais, sociais e afetivas. Ao representarem a morte de determinados sujeitos, tais metáforas podem naturalizar hierarquias de valor, afetividade e pertencimento. Do mesmo modo, o uso do humor em contextos de morte pode funcionar tanto como mecanismo de crítica quanto de despolitização. Esses efeitos variam de acordo com o gênero discursivo, o contexto enunciativo e a posição social dos sujeitos envolvidos.

As perguntas norteadoras que orientam este estudo são: (i) quais metáforas conceptuais da morte são mobilizadas em manchetes jornalísticas, *memes* e postagens no X, e (ii) de que modo produzem efeitos discursivos específicos? Para respondê-las, construiu-se um *corpus* composto por cinquenta ocorrências, coletadas entre 2020 e 2025, período marcado por eventos significativos relacionados à morte no Brasil e no mundo — como a pandemia de COVID-19, conflitos geopolíticos, episódios de violência estatal e fenômenos de comoção pública nas redes sociais.

Portanto, busca-se fornecer aportes teórico-analíticos que permitam uma compreensão ampliada e criticamente problematizadora das dinâmicas pelas quais a linguagem — e, de forma privilegiada, a metáfora — se institui como dispositivo cognitivo e discursivo. Nesse processo, a metáfora não apenas medeia a experiência da morte, mas também engendra sensibilidades coletivas e reordena os regimes narrativos que dão inteligibilidade à finitude.

A Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva (doravante, LC) consolidou-se, a partir do final do século XX, como um campo teórico que redefine o estatuto da linguagem ao concebê-la como parte integrante da cognição humana e inseparável da experiência corpórea e sociocultural (SIMAN; SAMPAIO, 2021). Ao deslocar o foco de modelos formalistas para uma abordagem experiencial e conceptual, a LC insere-se em um paradigma no qual o significado emerge do uso linguístico situado e da interação entre mente, corpo e ambiente (EVANS; GREEN, 2006).

Esse redirecionamento epistemológico não apenas rompe com a visão da linguagem como sistema fechado, mas estabelece um vínculo necessário entre a estrutura linguística e os processos cognitivos gerais. Nessa perspectiva, o léxico, a gramática e a semântica organizam-se em redes de conhecimento enciclopédico. Assim, compreender uma expressão linguística implica acionar modelos conceptuais complexos construídos a partir de interações corporificadas e culturalmente mediadas (LANGACKER, 2008).

A LC ancora-se em alguns princípios estruturantes que, embora não exaustivos, são centrais para o presente estudo: (i) corporeidade da cognição, segundo a qual a percepção e a ação moldam esquemas conceptuais básicos que estruturam o pensamento (JOHNSON, 1987); (ii) caráter enciclopédico do significado, que rejeita dicotomias rígidas entre conhecimento linguístico e conhecimento de mundo; (iii) integração entre semântica e pragmática, em que o sentido não é pré-concebido, mas construído no contexto de uso; e (iv) natureza conceptual da metáfora, concebida como mecanismo cognitivo fundamental, e não como mero recurso ornamental do discurso (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]).

Os princípios apresentados convergem para a ideia de que a linguagem não reflete a realidade de forma neutra, mas a estrutura moldando as categorias pelas quais aprendemos e experienciamos o mundo. Ao tomar a morte como objeto de estudo, a LC oferece um enquadramento teórico capaz de explicitar como domínios de experiência concretos — como deslocamento, sono, queda ou falência — são projetados sobre um domínio abstrato e ontologicamente opaco.

A partir desse enquadramento, torna-se possível examinar como tais projeções se materializam em diferentes gêneros discursivos e se articulam a regimes específicos de produção, circulação e recepção de informação.

No escopo deste artigo, a adoção da LC não se limita a uma escolha metodológica, mas assume a metáfora como operador cognitivo-discursivo capaz de mediar tanto a conceptualização quanto a valoração social da morte. Essa postura possibilita investigar como manchetes, *memes* e postagens no X atualizam, tensionam e reconfiguram metáforas tradicionais, evidenciando que, longe de serem neutras, participam da construção de sensibilidades e ideologias no espaço midiático contemporâneo.

Teoria da Metáfora Conceptual

Formulada por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a Teoria da Metáfora Conceptual (doravante, TMC) rompe com a tradição retórica que relega a metáfora à esfera da ornamentação estilística. Longe de ser reduzida a um mero recurso linguístico acessório, a TMC concebe a metáfora como um mecanismo conceptual fundamental, responsável por estruturar o pensamento humano e por desempenhar papel central na organização e na compreensão de experiências complexas e abstratas.

No cerne da TMC está a noção de mapeamento sistemático entre dois domínios cognitivos: o domínio-fonte, mais concreto e sensorialmente experienciável, e o domínio-

alvo, mais abstrato e menos acessível. Tais mapeamentos baseiam-se em padrões de experiência corpórea e culturalmente sedimentados, o que possibilita que conceitos como tempo, emoções ou morte sejam compreendidos a partir de experiências tangíveis.

A operacionalização da TMC depende também dos esquemas imagéticos⁸, estruturas cognitivas elementares derivadas de interações recorrentes como ORIGEM–PERCURSO–META, PARTE–TODO, CIMA–BAIXO, EQUILÍBRIO e CONTÊINER (JOHNSON, 1987). Esses esquemas ancoram as projeções metafóricas aproximando conceitos abstratos de experiências físicas-espaciais. Por exemplo, na metáfora MORRER É PARTIR, ativa-se o esquema ORIGEM–PERCURSO–META, no qual a vida é concebida como ponto de origem, a morte como transição e o destino final como a meta do percurso, conforme se observa no exemplo (7): ““Ela foi em paz”, diz irmã da ex-BBB Josy Oliveira que morreu após sofrer um AVC⁹”.

Lakoff e Turner (1989) ampliam o escopo da TMC ao demonstrar que as metáforas conceptuais não se limitam à linguagem cotidiana, mas desempenham papel estruturante em poesia, narrativas literárias e outras formas de representações culturais. Isso é relevante para a morte enquanto domínio-alvo, pois sua carga simbólica favorece tanto metáforas convencionalizadas quanto variações criativas em discursos jornalísticos ou humorísticos.

Outro ponto central é a convencionalidade: muitas metáforas tornam-se tão recorrentes na língua que não são percebidas como tais — por exemplo, ‘ele se foi’, ‘apagou’ ou ‘descansou’. Essa invisibilidade reforça sua eficácia tanto na conceptualização quanto no enquadramento discursivo.

Além disso, a TMC reconhece que as metáforas não são universais em todos os aspectos, embora certas estruturas derivem da experiência corpórea comum, a seleção e a frequência de uso variam conforme fatores históricos, culturais e ideológicos (KÖVECSES, 2015). Assim, metáforas como MORTE É LIBERTAÇÃO, tendem a aparecer em contextos religiosos, como, por exemplo, nos excertos a seguir: (8) “Diante do fim, Loki confessa que ama Brunhilda, admitindo para si que não consegue não amá-la e sua alma foi liberta do sofrimento, levando consigo os pecados da Morte Branca que também foi libert [...]”¹⁰ e (9) “Que voz! Potente e única. Vá em paz, Gilsinho. Você marcou não só a Portela, mas o nosso

⁸ Esquemas imagéticos são padrões recorrentes de experiência corporal que estruturam o pensamento e a linguagem, permitindo a construção de conceitos abstratos por meio de metáforas e metonímias (Johnson, 1987; Lakoff, 1987).

⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2021/09/05/ela-foi-em-paz-diz-irma-da-ex-bbb-josy-oliveira-que-morreu-apos-sofrer-um-avc.ghtml>>. Acesso em: 01 out. 2025.

¹⁰ Disponível em: <https://x.com/Anatema_85/status/1948083069778382921>. Acesso em: 01 out. 2025.

carnaval¹¹”, enquanto a metáfora MORTE É FALHA DE SISTEMA surge em ambientes digitais, conforme percebido nos pares de exemplos, a seguir: (10) “deixei pra fazer todas as atividades que tinha no sistema hj... o sistema morreu¹²” e (11) “O sistema do Itau morreu? Nada pela internet e os caixas estão uma merda!!!!¹³”.

A força da TMC reside, portanto, na capacidade de revelar a sistematicidade subjacente a expressões que, isoladamente, pareceriam idiossincráticas. Ao identificar e analisar essas metáforas, comprehende-se como os domínios-fonte moldam as representações da morte e influenciam a carga afetiva, ideológica e política atribuída ao fenômeno.

Metodologia

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa e interpretativa fundamentada nos pressupostos da Linguística Cognitiva e, mais especificamente, da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]; KÖVECSES, 2010). Considera-se que, a metáfora, longe de ser mero recurso estilístico, constitui um mecanismo cognitivo fundamental na organização da experiência humana. Nesse contexto, a morte configura-se como um domínio privilegiado para investigar como diferentes comunidades discursivas elaboram simbolicamente a finitude.

A composição do *corpus* conta com cinquenta ocorrências metafóricas relacionadas à morte, distribuídas de maneira equilibrada entre três gêneros discursivos: manchetes jornalísticas, *memes* e postagens no X. A escolha desses gêneros justifica-se por sua centralidade no ecossistema comunicativo contemporâneo e pelos distintos modos pelos quais medeiam a experiência da finitude. As manchetes, ao condensar e institucionalizar a morte como notícia de interesse coletivo, funcionam como dispositivos de normatização informativa; os *memes*, por sua vez, promovem reapropriações críticas e humorísticas frequentemente articuladas em formatos multimodais capazes de tensionar convenções culturais; enquanto a rede X, pela concisão e pela performatividade, revela práticas discursivas cotidianas que transitam entre o registro íntimo e o tom de deboche coletivo configurando um espaço de negociação simbólica da finitude.

O recorte temporal adotado abrange o período de 2020 a 2025, intervalo em que a morte assume a centralidade no debate público, seja em razão da pandemia de COVID-19, de episódios de violência social e política, de conflitos armados ou do falecimento de figuras públicas de ampla repercussão. Concomitantemente, a circulação massiva de conteúdos

¹¹ Disponível em: <<https://x.com/amandapinheiir/status/1973142017992696167>>. Acesso em: 01 out. 2025.

¹² Disponível em: <https://x.com/OtAvio_ABALADO/status/1701309811625746509>. Acesso em: 01 out. 2025.

¹³ Disponível em: <<https://x.com/mmezza/status/13742039390>>. Acesso em: 01 out. 2025.

digitais nesse período intensificou a presença da morte em gêneros multimodais, configurando um terreno fértil para a emergência de metáforas e práticas discursivo-cognitivas inovadoras. Dessa forma, a delimitação temporal não se mostra arbitrária, mas corresponde a um momento histórico em que a morte foi simultaneamente vivida, mediada simbolicamente e negociada discursivamente, revelando como diferentes comunidades e regimes de sensibilidade construíram, reinterpretaram e compartilharam coletivamente a experiência da finitude.

A coleta do material foi orientada por três critérios inter-relacionados: (i) pertinência temática, incluindo unicamente ocorrências que estabelecem referência explícita ou metafórica à morte; (ii) representatividade discursiva, assegurando diversidade de fontes e prevenindo a repetição de exemplos, de modo a abarcar múltiplas perspectivas comunicativas; e (iii) relevância cultural, priorizando conteúdos de ampla circulação ou com repercussão significativa, capazes de evidenciar como práticas discursivo-cognitivas se articulam à construção simbólica da finitude em diferentes comunidades e espaços midiáticos.

As manchetes foram obtidas em portais jornalísticos e páginas da *web* voltadas à divulgação de informações, os *memes* selecionados a partir de páginas de humor e perfis de redes sociais com elevado engajamento, e as postagens no X localizadas por meio de palavras-chave associadas ao campo semântico da morte (tais como morreu, partiu, descansar em paz, apagou, entre outras). Essa curadoria de dados buscou abarcar práticas discursivo-cognitivas diversas, permitindo analisar como diferentes gêneros e formatos multimodais articulam a construção simbólica da finitude em contextos comunicativos contemporâneos.

A análise do *corpus* foi conduzida a partir de uma perspectiva multimodal, particularmente relevante nos casos de *memes* e postagens em rede, em que texto e imagem se articulam como práticas discursivo-cognitivas. Para tanto, adotou-se a noção de metáfora multimodal (FORCEVILLE, 2008), segundo a qual distintos modos semióticos — verbal, visual, gráfico e espacial — contribuem conjuntamente para a produção de significados metafóricos. Nas manchetes, a atenção centrou-se nos recursos linguísticos que estruturam a conceptualização da morte; nos *memes*, considerou-se a interação integrada entre texto, imagem e disposição espacial dos elementos visuais; e, nas postagens no X, analisaram-se tanto a formulação verbal quanto os recursos paralinguísticos (como *emojis* e *hashtags*), que ampliam, modulam e negociam os sentidos produzidos, revelando diferentes regimes de significação da finitude em contextos comunicativos contemporâneos.

O procedimento analítico contemplou três etapas: (i) identificação das expressões metafóricas, considerando marcas linguísticas e visuais; (ii) classificação dos domínios-fonte

que estruturam a conceptualização da morte — tais como partida, sono, queda e falha de sistema — relacionando-os a esquemas imagéticos (Johnson, 1987); e (iii) interpretação dos efeitos discursivos, analisando o papel desempenhado pela metáfora em cada gênero, incluindo dramatização, suavização, humor, crítica e performatividade.

Cabe ressaltar que, embora o *corpus* seja reduzido em extensão, a pesquisa não busca generalização estatística, mas sim, profundidade interpretativa, visando mapear tendências de conceptualização da morte em gêneros discursivos de ampla circulação e compreender como metáforas consolidadas são reiteradas ou transformadas em contextos digitais contemporâneos.

Reconhece-se, ainda, a limitação decorrente da efemeridade dos conteúdos em rede, especialmente no caso de *memes* e postagens que podem ser apagados ou perder relevância. Apesar disso, a amostra reunida evidencia padrões significativos que permitem apreender a dinâmica cultural e discursiva da metáfora da morte na contemporaneidade, revelando como práticas discursivo-cognitivas multimodais articulam sentidos e experiências compartilhadas da finitude.

Análise dos dados

A análise das ocorrências busca apreender como as metáforas conceptuais da morte se manifestam em três gêneros discursivos distintos — manchetes jornalísticas, *memes* e postagens no X — e de que modo tais instâncias metafóricas geram efeitos de sentido específicos, mediados pelas condições de produção e circulação próprias a cada gênero. Tomando como referência a Teoria da Metáfora Conceptual, o enfoque recai tanto sobre os domínios-fonte que estruturam os modos de conceptualização da morte quanto sobre os efeitos discursivo-cognitivos emergentes da mobilização dessas metáforas em contextos midiáticos e digitais, revelando diferentes regimes de significação e práticas compartilhadas de construção simbólica da finitude.

Manchetes jornalísticas

A metáfora MORRER É PARTIR mostra-se particularmente produtiva na língua, como exibido em (12): “morre aos 72 anos o caneta azul, também conhecido como manuel gomes, também como caneta azul, dono do hit caneta azul, cantado por manuel gomes, o caneta azul¹⁴”. Nesse excerto, o léxico ‘morre’ atua como marcador objetivo, enquanto o enquadramento narrativo sugere o deslocamento de um ponto de origem (a vida) para um

¹⁴ Disponível em: <<https://x.com/safetyimagine/status/1863045017910092076>>. Acesso em: 05 ago. 2025.

destino final (a morte), evocando o esquema ORIGEM–PERCURSO–META. Simultaneamente, a construção mantém um tom solene conferindo legitimidade e respeitabilidade ao evento noticiado.

Outra metáfora recorrente é MORTE É SONO, presente em manchetes como se observa em (13): “a whitney viu esse lá do céu e descansou em paz porquê o legado dela tava a salvo¹⁵”. O léxico ‘descanso’ suaviza a brutalidade da morte, oferecendo ao leitor um MCI de serenidade e suspensão, o que contribui para atenuar o impacto emocional da informação. Nesse caso, a metáfora cumpre uma função de amortecimento discursivo, ajustando o tom da notícia a uma dimensão de reverência e respeito.

Há ainda exemplos de metáforas associadas à falência ou ao colapso, como em manchetes tecnológicas ou de obituário digital, comumente exemplificados por dados, conforme apresentado em (14): “Meu primeiro iPhone morreu hoje depois de 10 anos, fim de uma era¹⁶”. Aqui, a morte é conceptualizada como falha de um sistema, ativando o MCI de desligamento. Esse tipo de metáfora evidencia como os discursos jornalísticos incorporam léxicos da esfera tecnológica para narrar a finitude, ressignificando-a em termos pragmáticos e utilitários.

De modo geral, nas manchetes, a metáfora cumpre a função de regular a intensidade emocional da informação: ora intensifica a dramaticidade da morte (como nos casos de violência ou tragédias), ora a suaviza (como em obituários de figuras públicas). Além disso, reforça a função institucional da mídia de enquadrar a morte como evento de interesse coletivo, mobilizando recursos linguísticos capazes de articular objetividade jornalística e afetividade social.

Memes

Os *memes* configuram um gênero multimodal, caracterizado pela apropriação crítica e humorística de acontecimentos, frequentemente articulando elementos visuais e textuais. Diferentemente das manchetes, em que predomina a formalidade institucional, os *memes* operam na fronteira entre o sério e o jocoso, explorando o riso como recurso de elaboração social da morte.

Neles, observa-se a ativação de metáforas como MORTE É QUEDA e MORTE É FALHA DE SISTEMA, que geram efeitos de comicidade. Em um *meme* que mostra a tela de um celular apagado, acompanhado da legenda, como em (15): “meu outro telefone queimou nessa reta

¹⁵ Disponível em: <<https://x.com/JeanCarlosbh/status/1960310256891838684>>. Acesso em: 05 ago. 2025.

¹⁶ Disponível em: <<https://x.com/JessyJauregui2/status/1878238783419617777>>. Acesso em: 05 ago. 2025.

final de ano, toma-lhe água benta¹⁷”, a morte é deslocada para o universo tecnológico, tornando possível rir da falência de objetos inanimados. Nesse caso, a metáfora não apenas torna a morte cognitivamente acessível, mas também a banaliza, convertendo-a em experiência cotidiana e desdramatizada¹⁸.

Outro exemplo é o uso de imagens que representam personagens caindo ou desmaiando em jogos e desenhos animados, associadas a expressões como em (16): “morri caralho, me erra¹⁹”. Aqui, a metáfora MORTE É QUEDA articula-se ao humor autodepreciativo, no qual o sujeito simula morrer como exagero expressivo. Esse tipo de recurso reforça a função social dos *memes* de neutralizar a seriedade da morte por meio do riso, transformando-a em objeto de compartilhamento viral.

Ao mesmo tempo, os *memes* podem operar como instrumentos de crítica social. Durante a pandemia de COVID-19, circularam *memes* que personificavam a morte como um agente ativo — por exemplo, a figura do Ceifador entrando em espaços públicos —, mobilizando a metáfora MORTE É PERSONAGEM ANIMADO. Esse tipo de representação conjuga humor e denúncia expondo contradições de políticas públicas ou comportamentos sociais diante da crise sanitária.

Nos *memes*, portanto, as metáforas da morte desempenham dupla função: por um lado, despolitizam a experiência, convertendo-a em piada cotidiana; por outro, repolitizam a morte, transformando-a em objeto de crítica irônica e subversiva. Essa ambivalência evidencia o potencial do gênero para produzir leituras plurais e, frequentemente, contraditórias do fenômeno da morte, demonstrando como práticas discursivo-cognitivas multimodais articulam sentidos compartilhados da finitude.

A rede social X

O X constitui um espaço de circulação híbrida, caracterizado pela concisão, instantaneidade e performatividade do discurso. As postagens analisadas evidenciam tanto usos solenes quanto irônicos da metáfora da morte, demonstrando a plasticidade desse recurso no ambiente digital.

¹⁷ Disponível em: <https://x.com/_lucasrocha/status/1863742884698001750>. Acesso em: 05 ago. 2025.

¹⁸ O humor, quando mobilizado em torno da morte, incide sobre um dos maiores tabus culturais. Nesse sentido, a comicidade em *memes* pode ser interpretada como estratégia de enfrentamento da finitude funcionando como válvula de escape diante do medo e da dor, mas também como forma de transgressão discursiva, ao desafiar a expectativa de reverência social associada à morte. Essa ambivalência revela que o humor não apenas suaviza o impacto da morte, mas também a reinscreve em novos enquadramentos culturais, oscilando entre banalização e crítica.

¹⁹ Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/559220478737374592/>>. Acesso em: 05 ago. 2025.

Em mensagens de despedida, predominam metáforas como MORRER É PARTIR e MORTE É SONO, exemplificadas em postagens do tipo em (17): “Uma pessoa tão boa, admirável, irmão, amigo...que foi uma das únicas pessoas que ficaram ao meu lado quando mais precisei... Vai com Deus meu irmão, descanse em paz e cuide de nós aí de cima²⁰”. Em casos assim, a metáfora cumpre uma função de conforto e solidariedade atuando como recurso de aproximação afetiva. A conceptualização da morte como deslocamento ou descanso suaviza o sentimento de perda, tornando o luto compartilhável em rede.

Em contraste, outras postagens mobilizam a morte em registros humorísticos ou de deboche, como nos excertos em (18): “meu celular morreu de vez... rip xiaomi redmi9 2020-2023²¹” e (19) “depois de 3 anos meu airpods falso da shopee morreu²²”. Aqui, a metáfora MORTE É FALHA produz efeitos cômicos ao projetar sobre um objeto inanimado uma experiência tipicamente humana. Esse uso confirma o que Lakoff e Turner (1989) denominam “metáforas criativas situadas”, em que o falante adapta esquemas convencionais a novos contextos comunicativos.

Outro aspecto relevante é o caráter performativo das postagens. Ao enunciar que alguém ‘partiu’ ou que um objeto ‘morreu’, o sujeito não apenas descreve, mas atua socialmente, inscrevendo-se em uma comunidade discursiva que reconhece e compartilha o enquadramento metafórico. Essa performatividade evidencia que a metáfora, no X, não é apenas um recurso cognitivo, mas também um ato de posicionamento identitário e político.

Em síntese, no X, a metáfora da morte opera em múltiplos registros: como linguagem de afeto, como recurso de humor e como instrumento de crítica social. Essa multiplicidade confirma que a morte, longe de ser um fenômeno unívoco, configura-se como um lugar discursivo de disputa, atravessado por tensões entre intimidade e espetáculo, dor e riso, ou, ainda, entre subjetividade e coletividade.

Tabela 1 – Síntese das metáforas conceptuais da morte no *corpus*

Gênero discursivo	Metáforas conceptuais identificadas	Esquemas imagéticos predominantes (Johnson, 1987)	Nº de ocorrências	Efeitos discursivos principais
Manchetes jornalísticas	MORRER É PARTIR; MORTE É SONO; MORTE É FALHA DE SISTEMA	ORIGEM–PERCURSO–META; CONTÉINER; DINÂMICA DE FORÇAS	20	Dramatização de tragédias; solenização de mortes públicas; suavização em obituários

²⁰ Disponível em: <<https://x.com/Bombonato013/status/1878755432631869832>>. Acesso em: 05 ago. 2025.

²¹ Disponível em: <<https://x.com/ervangelion/status/1663186793452167169>>. Acesso em: 05 ago. 2025.

²² Disponível em: <<https://x.com/euqiaco/status/1951618679633776694>>. Acesso em: 05 ago. 2025.

Memes	MORTE É QUEDA; MORTE É FALHA DE SISTEMA; MORTE É AGENTE ANIMADO	CIMA-BAIXO; DINÂMICA DE FORÇAS	10	Humor e banalização; crítica social e política; ironia sobre experiências cotidianas
Postagens no X	MORRER É PARTIR; MORTE É SONO; MORTE É FALHA DE SISTEMA	ORIGEM-PERCURSO- META; DINÂMICA DE FORÇAS	20	Expressão de luto e solidariedade; performatividade irônica; deboche cotidiano

Fonte: (Elaboração própria)

A Tabela 1 delineia uma visão panorâmica do *corpus*, reunindo, de forma comparativa, as metáforas conceptuais da morte que se configuraram nos três gêneros discursivos examinados. Longe de constituir um inventário exaustivo das ocorrências, o quadro propõe-se a condensar padrões de recorrência e variação, permitindo apreender tanto as regularidades emergentes quanto as singularidades contextuais na mobilização metafórica. Assim, ao mesmo tempo em que preserva a heterogeneidade dos usos — marcada pelas condições de produção específicas de manchetes, *memes* e postagens no X —, a tabela torna visíveis os modos como determinados esquemas conceptuais se estabilizam reconfiguram ou se hibridizam em circulação midiática e digital. Em outras palavras, trata-se de uma representação condensada que possibilita visualizar a dinâmica entre convenção e criatividade na conceptualização da morte em distintos regimes discursivos.

No âmbito das manchetes jornalísticas, identificam-se com maior frequência metáforas convencionais, tais como MORRER É PARTIR e MORTE É SONO, as quais se ancoram, respectivamente, nos esquemas imagéticos de ORIGEM-PERCURSO-META e de CONTÊINER. Esses mapeamentos operam como estratégias de solenização ou de atenuação da experiência da morte, sobretudo em obituários ou textos de caráter memorialístico, em que a função discursiva se volta para a construção de uma narrativa de dignidade e continuidade.

Ao mesmo tempo, observa-se a emergência de metáforas como MORTE É FALHA DE SISTEMA, especialmente em manchetes ligadas ao domínio tecnológico. Esse fenômeno aponta para um movimento de extensão metafórica que projeta sobre artefatos e processos não-humanos um enquadramento originalmente associado ao ciclo vital, confirmando o que Lakoff e Turner (1989) descrevem como processos de expansão e criatividade situada. Tal deslocamento evidencia não apenas a plasticidade do esquema da morte, mas também a sua crescente inscrição em ecologias discursivas contemporâneas, nas quais humano e tecnológico se interpenetram de forma simbólica.

No universo dos *memes*, a potência do humor emerge como operador central na reconfiguração da experiência da morte, mobilizando metáforas como MORTE É QUEDA e MORTE É FALHA DE SISTEMA, que se ancoram, respectivamente, nos esquemas imagéticos de CIMA-BAIXO e de DINÂMICA DE FORÇAS (Johnson, 1987). Nesses casos, a morte é deslocada para domínios de banalidade e comicidade, funcionando ora como hipérbole expressiva — a exemplo da fórmula cristalizada ‘morri de rir’ —, ora como dispositivo de crítica social, quando encarnada em figuras personificadas, como o Ceifador.

A análise evidencia, portanto, a ambivalência estrutural do humor, que pode simultaneamente desdramatizar a morte, convertendo-a em experiência cotidiana trivial, e repolitizá-la, reinscrevendo-a em enquadramentos de denúncia e resistência. Essa oscilação atesta a plasticidade do gênero *meme* como espaço discursivo em que a morte é continuamente reinscrita e ressignificada.

No X, a coexistência de registros afetivos e irônicos ilustra a plasticidade da metáfora conceptual da morte em ambientes digitais. Em postagens de luto e solidariedade, predominam metáforas convencionais como MORRER É PARTIR e MORTE É SONO, que se ancoram em esquemas de ORIGEM-PERCURSO-META e CONTÊINER, respectivamente, funcionando como estratégias de suavização e compartilhamento coletivo da perda.

Já em registros humorísticos, emerge a metáfora MORTE É FALHA DE SISTEMA, projetando sobre o domínio tecnológico um fenômeno humano, num processo de extensão e recontextualização metafórica (Lakoff & Turner, 1989), que torna a morte cognitivamente acessível e afetivamente atenuada. Esse trânsito entre a solenidade e a ironia é potencializado pela própria performatividade discursiva da plataforma, caracterizada pela brevidade textual, pela multimodalidade (*emojis*, *hashtags*, imagens) e pela circulação viral, o que transforma cada enunciado em ato de posicionamento identitário e comunitário.

Em síntese, a Tabela 1 demonstra que, embora cada gênero discursivo mobilize recursos semióticos específicos, identificam-se padrões conceptuais recorrentes que atravessam todo o *corpus*: a morte é metaforizada como deslocamento, como repouso, como falha e como agente animado. Cada metáfora, contudo, não se reduz a uma invariância cognitiva, mas adquire matizes próprios em função das condições de produção e circulação: solenização e dramatização nas manchetes; humor e crítica social nos *memes*; conforto afetivo e performatividade irônica no X.

Dessa forma, a sistematização não apenas confirma os pressupostos da Teoria da Metáfora Conceptual, mas também evidencia a necessidade de articulá-los a uma perspectiva

discursiva e pragmática, capaz de dar conta da complexidade da morte como objeto de configuração simbólica no espaço midiático e digital contemporâneo.

Considerações finais

O percurso analítico empreendido teve como propósito examinar de que modo a morte é conceptualizada metaforicamente em três gêneros discursivos contemporâneos — manchetes jornalísticas, *memes* e postagens no X — à luz dos pressupostos da Linguística Cognitiva e, em particular, da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]; LAKOFF; TURNER, 1989). Partindo de um *corpus* de cinquenta ocorrências, distribuídas entre os três gêneros, buscou-se compreender não apenas os mapeamentos metafóricos que estruturam a experiência da morte, mas também como tais mapeamentos se articulam a efeitos discursivos específicos, modulando os modos de dizer, de representar e de compartilhar socialmente esse fenômeno.

Os resultados revelaram a recorrência de quatro domínios-fonte centrais: deslocamento, repouso, falha de sistema e agência animada. Esses domínios se ancoram em esquemas imagéticos descritos por Johnson (1987), tais como ORIGEM-PERCURSO-META, CONTÊINER, CIMA-BAIXO e DINÂMICA DE FORÇAS. Ainda que comuns a todo o *corpus*, esses mapeamentos não operam de maneira homogênea: cada gênero discursivo os mobiliza de acordo com sua materialidade linguística. Nas manchetes, observa-se a dramatização de tragédias e a suavização em obituários; nos *memes*, a exploração humorística e crítica, marcada por multimodalidade; e, no X, a oscilação entre registros afetivos de luto e a performatividade irônica do deboche.

A sistematização apresentada na Tabela 1 permite observar, de forma condensada, como padrões conceptuais atravessam os gêneros, ao mesmo tempo em que se atualizam criativamente em função do contexto midiático-digital. Essa tensão entre perenidade e inovação metafórica evidencia a maleabilidade das metáforas conceptuais, que não apenas estruturam cognitivamente a experiência da finitude, mas também são reconfiguradas discursivamente para atender às exigências de distintos regimes de circulação do discurso.

Do ponto de vista teórico, este estudo confirma a produtividade da TMC para a análise de práticas discursivas contemporâneas, sobretudo, quando articulada à noção de metáfora multimodal (FORCEVILLE, 2008) e a perspectivas pragmáticas que realçam a performatividade dos enunciados digitais. Do ponto de vista metodológico, destaca-se a relevância de um olhar atento não apenas para a materialidade verbal, mas também para elementos visuais, gráficos e paralinguísticos que integram a tessitura metafórica em

ambientes digitais. No plano empírico, a análise mostra que a cultura digital reinscreve a morte em regimes de sentidos heterogêneos, nos quais convivem solenidade, banalização, crítica social e humor.

Reconhecem-se, contudo, limitações inerentes ao recorte: embora diversificado, o *corpus* não permite generalizações estatísticas, e a efemeridade dos textos digitais — em especial *memes* e postagens — dificulta a estabilidade da amostra. Longe de comprometer os resultados, essas restrições apontam caminhos futuros, como o aprofundamento em contextos específicos (por exemplo, narrativas de luto on-line), estudos comparativos interculturais ou o diálogo com outras abordagens teóricas sobre humor, afetividade e discursividade digital.

Em síntese, a análise evidencia que a metáfora da morte, longe de constituir um simples ornamento retórico, é um dispositivo cognitivo-discursivo central, capaz de organizar a experiência coletiva da finitude. Ao mesmo tempo em que revela a permanência de metáforas consolidadas, como MORRER É PARTIR e MORTE É SONO, o estudo mostra também a emergência de novas atualizações criativas, como MORTE É FALHA DE SISTEMA, em consonância com a cultura tecnológica contemporânea. Assim, a morte se configura como um lugar de disputa simbólica, onde linguagem, cognição e cultura se entrecruzam para produzir sentidos plurais, que vão da reverência solene à ironia viral, do consolo afetivo à crítica política.

Referências

- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: An Introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; PELOSI, Ana Cristina; LIMA, Paula Lenz Costa. Cognição e Metáfora: a Teoria da Metáfora Conceitual. PELOSI, Ana Cristina; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARÍAS, Emilia Maria Peixoto (Org.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2014.
- FORCEVILLE, Charles. Metaphor in pictures and multimodal representations. GIBBS, R. W. (ed.), **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- JOHNSON, M. **The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. & TURNER, M. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. USA, The University of Chicago, 1989.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

- LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar**: a basic introduction. Oxford; Nova York: Oxford University Press, 2008.
- LIMA, Silvana Maria Calixto de. **Revista de Letras**, [S. l.], v. 1, n. 31, 2016.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor: A Practical Introduction**. 2. ed., Oxford: Oxford University Press, 2010
- _____. **Where metaphors come from: reconsidering context in metaphor**. New York: Oxford University Press, 2015.
- SIMAN, Josie Helen; SAMPAIO, Thiago Oliveira da Motta. Teoria da metáfora conceptual: um dinâmico passo adiante? **Revista Porto das Letras**, vol. 07, nº 01, p. 201-203, 2021. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/issue/view/519>>. Acesso em: 01 out. 2025.
- VEREZA, S. **Literalmente falando**: sentido literal e metáfora na metalinguagem. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2007.

Resumo: Este artigo examina a conceptualização metafórica da morte em gêneros discursivos midiáticos contemporâneos — manchetes jornalísticas, *memes* e postagens no X — à luz da Linguística Cognitiva e da Teoria da Metáfora Conceptual. Com base em um *corpus* de cinquenta ocorrências coletadas entre 2020 e 2025, a análise qualitativa, de caráter multimodal, permitiu mapear quatro metáforas recorrentes: MORRER É PARTIR, MORTE É SONO, MORTE É FALHA DE SISTEMA e MORTE É PERSONAGEM ANIMADO. Embora ancoradas em esquemas conceituais convencionais, tais metáforas revelam-se altamente plásticas, assumindo funções discursivas distintas conforme o gênero: nas manchetes, contribuem para a solenização de tragédias ou a suavização da perda em obituários; nos *memes*, operam entre a banalização humorística e a crítica social irônica; no X, articulam registros de conforto afetivo e de performatividade debochada. Ao articular permanências culturais e inovações situadas, a análise evidencia que a metáfora da morte, longe de mero ornamento retórico, constitui um dispositivo cognitivo-discursivo central, capaz de reconfigurar a experiência da finitude em contextos digitais. O estudo demonstra, assim, que a morte se configura como lugar discursivo de disputa, no qual se tensionam solenidade, banalização e contestação, iluminando a interseção entre linguagem, cognição e cultura no espaço midiático contemporâneo.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Linguística Cognitiva. Metáfora Conceptual. Morte.

Abstract: This article examines the metaphorical conceptualization of death in contemporary media discursive genres — journalistic headlines, memes, and posts on X — through the lens of Cognitive Linguistics and Conceptual Metaphor Theory. Based on a corpus of fifty occurrences collected between 2020 and 2025, the qualitative, multimodal analysis mapped four recurrent metaphors: DEATH IS DEPARTURE, DEATH IS SLEEP, DEATH IS SYSTEM FAILURE, and DEATH IS ANIMATED CHARACTER. Although anchored in conventional conceptual schemas, these metaphors prove to be highly plastic, assuming distinct discursive functions depending on the genre: in headlines, they contribute to the solemnization of tragedies or the softening of loss in obituaries; in memes, they oscillate between humorous trivialization and ironic social critique; on X, they articulate registers of affective comfort and performative mockery. By articulating cultural continuities and situated innovations, the analysis demonstrates that the metaphor of death, far from being a mere rhetorical ornament,

constitutes a central cognitive-discursive device capable of reconfiguring the experience of finitude in digital contexts. The study thus shows that death emerges as a discursive site of dispute, in which solemnity, trivialization, and contestation intersect, highlighting the interplay between language, cognition, and culture in the contemporary media landscape.

Keywords: Discursive genres. Cognitive Linguistics. Conceptual Metaphor. Death.

Recebido em: 2/9/2025.

Aceito em: 25/11/2025.